



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.750

## OS GOVERNOS KIRCHNER E AS “NOVAS” ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO NA ARGENTINA

Anderson Sabino da Silva<sup>1</sup>  
(Universidade Estadual de Maringá)

**Resumo.** Após o fim da Guerra Fria, a América Latina sofreu a implementação da política econômica neoliberal, nos termos do Consenso de Washington. Ao fim desse ciclo, os governos neoliberais foram substituídos por candidaturas com discursos opostos. Este trabalho procura apresentar os primeiros resultados das análises dos aspectos das políticas econômicas da Argentina durante os governos de Néstor e Cristina Kirchner, em contraste com o contexto econômico global e com as políticas econômicas de governos anteriores do país. São analisados discursos oficiais, cobertura da imprensa local e produção acadêmica disponível para traçar um panorama do ambiente econômico argentino no período Kirchner e identificar os principais aspectos da mudança de posicionamento suposta, tanto pelo ponto de vista oficial como do ponto de vista de observadores externos, no caso da imprensa. A hipótese levantada é que os governos Kirchner representam uma alteração de posicionamento da nação, quando se leva em consideração o receituário econômico das potências econômicas mundiais, especialmente os Estados Unidos, que historicamente tem influência decisiva nos assuntos internos de países da América Latina. O material estudado permite confirmar a hipótese, na medida em que a política econômica kirchnerista é fortemente voltada para o mercado interno e, na política externa, não se alinha aos EUA. Por outro lado, é importante ressaltar que essa orientação política tem como prioridade a perpetuação do grupo kirchnerista no poder, para além de um projeto de desenvolvimento do país propriamente.

**Palavras-chave:** Kirchner; Políticas Econômicas; Argentina.

Financiamento: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC promovido pelo CNPq, em parceria com a Fundação Araucária e UEM.

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências sociais pela Universidade Estadual de Maringá.  
E-mail: sabino.ander@hotmail.com

## Introdução/ justificativa

Após o fim da guerra fria ocorrem profundas alterações na política internacional, dentre estas alterações se intensificam o avanço de um novo ciclo expansionista do capitalismo, com alcance mundial e disseminação desta ideologia pelos Estados Unidos e Inglaterra.

Estas políticas favoreceram a concentração de capitais, os bancos internacionais, investidores financeiros, mercantilização de várias esferas da vida, estratégias para a inserção de grandes corporações transnacionais em países periféricos e imposições de capital financeiro.

“Pode-se dizer que todo este universo de transformações estruturais no sistema capitalista não foi resultado de um desenvolvimento espontâneo e autônomo das forças de mercado ou das imposições da tecnologia, mas, teve a ver, necessariamente, com o processo de competição interestatal e intercapitalista desencadeado desde o final da Segunda Guerra Mundial, quando se instalou a hegemonia norte-americana sobre o mundo capitalista.” (SANTOS. 2007, p. 49).

No caso da Argentina, o presidente Carlos Menem implementa as ações do *Consenso de Washington*<sup>2</sup>, que determinava um conjunto de medidas adotadas por vários países da América Latina para a abertura de seu mercado, iniciando a fase do neoliberalismo na Argentina. Como consequência destas alterações, o país passou por diversas mudanças nas suas políticas econômicas, convivendo com uma grande variação no seu mercado interno e externo. A aceitação de um paradigma neoliberal, com implementação de políticas de privatizações de empresas públicas, abertura comercial, liberalização financeira, reformas trabalhistas, e um programa de taxa de câmbio fixa culmina em uma insatisfação da população, que se vê no em uma grave

---

<sup>2</sup> Estas ações continham dez diretrizes a serem seguidas: 1. Disciplina fiscal; 2. Mudanças das prioridades no gasto público; 3. Reforma tributária; 4. Taxas de juros positivas; 5. Taxas de câmbio de acordo com as leis de mercado; 6. Liberalização do comércio; 7. Fim das restrições aos investimentos estrangeiros; 8. Privatização das empresas estatais; 9. Desregulamentação das atividades econômicas; 10. Garantia dos direitos de propriedade.

crise econômica que tem como consequência inúmeras alterações na presidência do país. Dentro deste contexto de grave crise ocorre a disputa pelas eleições no ano de 2003, onde em uma disputa entre Carlos Menem e Néstor Kirchner pela vaga na presidência, Menem desiste de disputar o segundo turno das eleições por temer a sua derrota, desta maneira em 25/03/2003 – Néstor Kirchner assume como um contraponto a escalada neoliberal que prevalecia na Argentina.

Se os anos 90 foram marcados por governos alinhados com as políticas neoliberais na América Latina (Menem na Argentina, Collor e FHC no Brasil, Fujimori no Peru, entre outros), o século XXI trouxe uma guinada para a esquerda em boa parte do continente.

Néstor e Cristina Kirchner na Argentina, Lula e Dilma Rousseff no Brasil, Hugo Chávez na Venezuela, Evo Morales na Bolívia, Fernando Lugo no Paraguai, Pepe Mujica no Uruguai, Rafael Correa no Equador são os principais expoentes dessa diversificada esquerda sul-americana que se impôs nas urnas, sinalizando o descontentamento da população com o modelo anterior.

Porém, ainda não se conhecem totalmente o desenvolvimento desse processo e os resultados dessa mudança, porque ela ainda está em curso, e se desenvolve diferentemente em cada país. O que é certo e comum entre eles é não se alinharem automaticamente com os EUA e com as diretrizes neoliberais, como faziam os governos anteriores.

No período em tela, Argentina passou por profundas crises e mudanças políticas e econômicas, indo de um extremo a outro das políticas econômicas. Uma vez que os governos neoliberais já têm seu lugar nos estudos acadêmicos, é a hora de começar a analisar o que veio com os governos recentes, e o que eles podem representar na história recente do país e do continente.

Neste contexto o artigo se justifica, na medida em que, é nossa proposta melhor compreender o que há efetivamente de rupturas e de continuidades durante os governos Néstor e Cristina Kirchner em relação aos governos de orientação neoliberal, antecessores dessas duas últimas gestões.

## **Objetivos**

Neste projeto estabelecemos como objetivo geral traçar um panorama das políticas econômicas dos governos Kirchner, relacionando-as com o contexto de economia política internacional, neste sentido procuraremos identificar na política implementada pelos presidentes Néstor e Cristina Kirchner sinais de que um dos objetivos de sua política econômica era ser um contraponto aos anos em que a Argentina se guiou estritamente pelo Consenso de Washington. Dito de outra maneira pretende-se apreender em que medida os governos dos Kirchner, representam ou não uma retomada do desenvolvimentismo na Argentina.

Isto posto, temos por objetivo específico identificar nas ações e medidas do governo maior ou menor tendência para se afastar do modelo de abertura econômica proposto pelos EUA, sendo assim pretende-se analisar o resultado dessa política do ponto de vista das relações externas da Argentina, particularmente no Cone Sul.

## **Resultados**

Néstor Kirchner assume a presidência dentro de um contexto conturbado pela crise financeira e política. Assim faz com que durante o início de seu governo e de sua forte iniciativa política para o combate à impunidade e criação normas de acordo com regras institucionais.

Kirchner atua em favor de diversos setores da sociedade, cada um em suas pautas específicas - dentre estes estavam os organismos de defesa dos direitos humanos; organização de protesto na luta contra a desocupação e exclusão social; o setor sindical; em contrapartida os empresários que desejavam manter as políticas econômicas já adotadas; os dirigentes dos partidos em crise; as províncias de governança peronista que buscavam apoio. Assim, Nestor Kirchner consegue conquistar um conjunto significativo de aliados para poder implementar suas ações neste período de grave crise em que se encontrava o país. As políticas encaminhadas pelo presidente Néstor Kirchner conseguiram (re)estabelecer várias funções do Estado, o que pode ser considerado um dos principais fatores de recuperação da economia no país. Nota-se que os resultados da política econômica, que privilegiou o consumo associado às políticas sociais, proporcionaram uma

diminuição drástica da pobreza e do desemprego e aumento dos níveis de crescimento econômico.

Argentina diante da grave crise interna, a política externa foi uma variável encontrada para acumular capital interno. Conforme apuramos, a política externa em relação ao Brasil teve com principal mote a consolidação da relação estratégica com o Brasil e o aprofundamento do Mercosul, as políticas foram direcionadas com o fim de que se ampliasse o espaço de integração, dando ao Mercosul o papel de articulador de um projeto de integração da América do Sul. Durante o período inicial da redemocratização na Argentina houve implementação de diversas medidas de internacionalização de capitais, bem como a abertura de capital, adesões a tratados internacionais que propunham um mercado liberalizante, é possível identificar no período subsequente, um conjunto de medidas políticas e econômicas que a Argentina estabelece para regular a sua economia diante das consequências a que as políticas neoliberais levaram o país, alternando períodos de progresso e retrocesso econômico. Contudo veremos que o governo de Cristina Kirchner não consegue manter ou estabelecer um controle dos preços, que diante da crise cambial somado a deterioração da economia, fez com que o governo reduzisse os subsídios aplicados no setor de transportes, alimentação, energia e combustíveis, com o fim de reduzir a alta do dólar dentro de uma economia tradicionalmente de alta dolarização.

No campo político o governo de Néstor Kirchner fez pouco para fortalecer instituições políticas: seu trabalho se conteve em esboçar diante dos partidos peronistas presentes nas províncias um projeto de poder.

No ano de 2007, contrariando algumas expectativas quanto à busca pela reeleição, Néstor Kirchner lança a candidatura de sua esposa Cristina Kirchner que se consagra vencedora das eleições realizadas no dia 28 de outubro de 2007, com um total de 45,29% dos votos o que lhe proporcionou a vitória no primeiro turno, assumindo com presidenta da República da Argentina e sucedendo seu esposo Néstor Kirchner no dia 10 de dezembro do mesmo ano.

Cristina Fernández de Kirchner nasceu em La Plata, capital da província de Buenos Aires, onde cursou direito na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da

Universidade Nacional de La Plata, inicia a sua militância na Frente de Agrupaciones Eva Perón (FAEP), que posteriormente se fundiu com a Federación Universitaria por la Revolución Nacional (FURN), que vai se constituir na Juventud Univertaria Peronista de la Universidad de La Plata (JUP).

Em outubro de 1974, Cristina conhece seu futuro esposo Néstor Kirchner, com quem militou junto na JUP, e se casam em 9 de maio do ano seguinte. Porém, devido às perseguições e o terror do regime militar o casal se muda para cidade natal de Néstor Kirchner, onde formam um Escritório Jurídico Kirchner. Mas ao passo que a democracia retorna à Argentina, Cristina junto de seu esposo retomam as atividades políticas no Partido Justicialista. Sua participação atuante na política a levou no ano de 1989 a ser eleita para Deputada estadual na província de Santa Cruz, cargo em que foi reeleita nos anos de 1993 e 1995. Sempre atuante em 1994 foi eleita representante por Santa Cruz na convenção nacional constituinte de Santa Fe, o que impulsionou o seu ingresso no ano de 1995 no Senado Nacional, de onde renuncia em 1997 para disputar o cargo de Deputada Nacional e em 2001 é eleita novamente senadora, sempre atuando pela província de Santa Cruz.

A partir de 2001, Cristina permanece atuante no Senado Nacional, sendo que a partir do ano de 2003 com a presidência de seu esposo Néstor Kirchner, se estabelece no âmbito de representante política do seu país em diferentes fóruns internacionais. Em 23 de outubro de 2005 é eleita senadora pela província de Buenos Aires pela Frente para la Vitoria.

Assim diante desta trajetória política Cristina Kirchner é tida por Néstor como uma peça fundamental a condução e continuidade dos Kirchner no poder, Cristina vinha desempenhando um papel “secundário” no governo de seu esposo – a atuação como política e primeira dama consistiu em evitar a exposição, mantendo-a fora da primeira linha de batalha do governo. Era sabido que ela auxiliava Néstor na tomada de decisões mais importantes, mas sempre mantinha restrições a entrevistas, reuniões públicas e privadas, não cultivava relações com a dirigência peronista, sindical ou empresarial e nem com os jornais políticos.

Este “distanciamento” faz com que Cristina Kirchner esboce uma visão mais isenta das condições do país, que vem a se refletir na campanha pela presidência

junto de seu vice Julio Cobos, mantendo uma oratória melhor que a de seu esposo, uma melhor disposição em escutar e conceber ideias com os intelectuais e acadêmicos, além de uma aproximação com a opinião pública política independente que se forma no período da crise de 2001, ao mesmo passo que ela se distancia da dirigência peronista, sindicatos e dos partidos em geral.

Esta forma de posicionamento durante sua campanha vem trazer a ideia de continuidade, que sempre foi reforçado por Néstor Kirchner como um governo que prometeria muito melhor do que ele já fizera, indicando que ela seria um novo modelo de modernidade e racionalidade econômica – indicações que agradavam o mercado – somado ao apoio de Néstor Kirchner que mantinha índices de popularidade altíssimos, poder político, crescimento econômico, concentração de poder institucional impulsiona a candidatura e conquista da presidência da Argentina por Cristina Kirchner e seu vice Julio Cobos.

A consagração de Cristina Kirchner vem como a coroação de um projeto político de poder, que já vinha sendo desenhado desde 2003, evocando um ideal de um projeto Kirchnerista, com continuidade e mudanças onde o principal objetivo do seu governo era fazer da Argentina um país exportador, com uma economia mais competitiva, fazendo a sua governabilidade a relação da Argentina com o mundo um foco central juntamente com o combate a pobreza.<sup>3</sup>

Porém, já no início do mandato Cristina Kirchner teve que enfrentar problemas herdados do governo do seu esposo, que não foram expostos durante o período da campanha eleitoral, se destacando as pressões inflacionárias a insegurança, os escândalos de corrupção e a crise energética. Estas tensões no governo serviram para demarcar o estilo de Cristina Kirchner governar, em que o desgaste político logo no começo do mandato foi utilizado como um meio para que a presidenta demonstrasse a sua capacidade de liderança ao mesmo passo que se desvincularia da sombra de Néstor Kirchner.

Com a polarização da política dos Kirchner e a entrada da Cristina na presidência ela desenvolve um modelo que colocam como “combativa e arrogante”, o que para seus defensores é visto como um ponto positivo. Relação esta que pode

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida ao jornal La Nación em 30/07/2007. Acesso em 12 jul. 2015  
<http://www.lanacion.com.ar/957750-me-gustaria-un-pais-como-alemania>

ser evidenciada nas eleições de 2011 onde ela obteve 54% dos votos, fator que posteriormente faz com que a presidenta eleita enfrente várias manifestações contra seu governo.

A Ley de Medios causou muitos conflitos, pois durante o governo de Nestor o grupo Clarín teve um grande aumento do acesso de suas licenças de TV e rádio, algo que se desfaz no governo da Cristina. A medida tomada para limitar o controle de determinados grupos se deve ao fato de que a presidente acusa a mídia, em específico o Clarín e La Nación, de incitar a população através de seus editoriais a um confronto com o governo, fator este que gerou um grande movimento dos trabalhadores do campo com o apoio principalmente do Clarín e que leva logo no início de seu governo a causar uma crise política – este foi o estopim para a Ley de Medios.

Desta forma, é possível identificar que mesmo Nestor e agora Cristina utilizaram-se muito pouco de pronunciamentos a mídias corporativas. A presidente Cristina justifica o fato de utilizar somente os meios nacionais e Twitter, pois é uma forma de que suas palavras cheguem sem distorções – criticando o papel da imprensa.

Um fator marcante no período Kirchner até o momento é sua atenção para os direitos humanos e civis, como aplicação de várias medidas que visavam a beneficiar as minorias.

Um dos problemas que podemos identificar é o aumento da inflação argentina, fato este que vai contra as afirmações oficiais do governo, que colocam a inflação como algo controlado na casa de no máximo 10%, algo que vai contra ao que se publicam as agências não oficiais, que acusam algo em torno de 24%, dados que são expostos. Diante disto ocorre um descrédito internacional quanto a divulgação dos dados, o que faz com que o governo alegue que o seu foco não é a preocupação com a inflação, mas sim com o crescimento. Porém, são adotadas diversas medidas pelo governo, como congelamento de preços em supermercados e nas petrolíferas a fim de controlar a inflação. Esta constante negativa do governo em reconhecer o aumento da inflação levou a uma ruptura com os sindicatos, que até



então eram fortes aliados, o que leva o movimento Kirchnerista com um dos poucos movimentos peronistas sem base sindical.

Em relação aos índices de emprego e pobreza ocorreram avanços, desde o início do governo Kirchner diante de uma população de 54% que vivia abaixo da linha da pobreza este número reduziu segundo fontes do governo para 5,4% em 2013, dado que é contestado por entidades privadas diante do que ocorre com a inflação; dizem que o número real seria de 25%. Ocorreu baixa no número de trabalhadores desempregados que saiu de 17% para 7,9%, justificado por muitos pelo grande número de contratação feitas pela máquina do Estado. Ocorre o aumento da seguridade social, convertendo para 94,3% de cobertura, o maior índice da América Latina.

No que se refere ao campo, o governo Kirchner enfrentou como já citado, uma das maiores manifestações, provocado pelo aumento por parte do governo da tarifa de exportação da soja, haja visto que a Argentina passou a ser um grande mercado produtor deste grão. Diante disto e com o apoio das mídias, ocorrem diversos protestos com panelaços por alguns meses, produtores que contavam com um apoio importante do radical Julio Cobos, então vice presidente em 2008.

Em contraponto a esta disputa com os produtores o governo permaneceu como forte dependente das gerados pela venda e exportação de soja, o que permitiu o governo entre 2003 e 2013 a triplicar as reservas de dólares do Banco Central e ajudou a quadruplicar o produto interno bruto (PIB) da Argentina. Porém, em outros pontos fortes de exportação como a carne houve grande retração, pois com o intuito de manter o mercado interno o governo impôs restrições às exportações de carne, sendo assim superado pelo Brasil, Uruguai e Paraguai.

Na política internacional é possível notar um afastamento dos EUA, como a oposição à criação da Área de Livre Comercio as Américas (ALCA), para o fortalecimento do Mercosul, criação das União das Nações Sul-americanas (UNASUL) e uma convergência maior com os países da América Latina, especificamente o Brasil e Venezuela. Destaca-se a expropriação da YPF que causou um rompimento de relações com a Espanha, parceiro antigo.

Outra frente que ganhou muito apoio foram os Jovens, há muito tempo não se via um empenho e defesa de um governo por uma grande parte dos jovens do país. Eles se tornaram um dos pilares do modo de governo Kirchner, este apoio está em grande medida encabeçado pelo seu filho Maximo Kirchner que “funda” uma frente chamada La Cámpora, que encabeça atos pró governo Kirchner, tem ocupado diversos cargos dentro do governo e nas últimas eleições das províncias conseguiu eleger diversos integrantes.

No campo da dívida externa o governo Kirchner conseguiu reduzir a dívida que era cerca de 138% do PIB para 40% do PIB em 10 anos. Em relação aos problemas das crises vividos anteriormente o governo conseguiu, através de acordos, renegociar boa parte da dívida argentina com os credores, ficou o restante de 7% que não negociaram os chamados “fundos abutres” que não aceitavam as formas de renegociação e pagamento da dívida – este caso este foi levado à justiça americana.

Apesar de não ter crédito internacional o governo utilizou de suas reservas do Banco Central para efetuar o pagamento das dívidas com o FMI e o culpou pela crise que a Argentina enfrentava. O uso das reservas do BC pelo governo enfrentou diversas críticas, o que levou posteriormente a saída o presidente do BC em 2010. As reservas cambiais chegaram ao menor nível dos últimos 6 anos devido também a uma maior importação de combustíveis, o que contribuiu para a queda do superávit primário, todos estes fatores aliados fizeram que o governo impusesse diversas restrições ao dólar.

Devido a uma grande fuga de capital cerca de US\$60.000 milhões, o governo criou um conjunto de medidas que visavam reter a fuga de dólares, tentando assim estabilizar a economia. Buscou tentar frear o superávit comercial, o que levou a expropriação da YPF (devido ao aumento das importações de combustíveis) que pertencia à espanhola Repsol, limitou as exportações, mas umas das medidas mais fortes foi a restrição à compra de moeda estrangeira e a proibição de empresas estrangeiras de transferir os lucros para seus países de origem. Estas restrições afetaram muitos dos argentinos que, já acostumados a diversas crises, sempre utilizaram o dólar para diversas transações, principalmente imobiliários e como poupança. Dentre as medidas o governo impôs, segundo a renda de cada

contribuinte, um limite para a compra de dólares, o que vem a favorecer o mercado de câmbio paralelo, situação que ocorre até a presente data.

Dentro deste contexto de crise econômica que a Argentina se encontra, Cristina Kirchner se vê apoiada pelo movimento La Cámpora, que tem como condutor Nestor Kirchner que ainda na vigência de seu governo, identifica neste movimento uma oportunidade de conseguir o apoio dos jovens dentro da base governista, criando assim uma frente de apoio às ideias Kirchnerista. Néstor Kirchner faz de seu filho Máximo Kirchner um membro influente do movimento, cujo papel é escolher os novos integrantes do La Cámpora. Este movimento se faz presente até hoje, e tomou proporções políticas mais evidentes no governo de Cristina Kirchner, o que reforça os ideais de perpetuação do projeto não só político como de poder dos Kirchner.

### **Considerações finais**

No andamento da pesquisa é possível compreender que de fato houve uma alteração significativa do modelo de governo apresentado por Carlos Menem com práticas neoliberais fortemente amparadas pelo Estados Unidos. A alteração deste modelo culmina com a entrada de Néstor Kirchner que estabelece um conjunto de medidas que visam um beneficiamento do mercado interno e aproximação de diferentes grupos da sociedade bem como a expansão das relações internacionais com o Brasil e Mercosul. Há também a construção de um modelo de governo que busca a sua perpetuação no poder, se expressando assim na candidatura de Cristina Kirchner e sua eleição ao cargo de presidente, como a aproximação com o movimento jovem “*La Cámpora*”, que abre uma frente de apoio para a continuação do projeto de poder dos Kirchner.

### **Referências**

BATISTA, Paulo Nogueira. O Consenso de Washington: a visão neoliberal dos problemas latino-americanos. 1994. 2011.

SANTOS, Marcelo. **O poder norte-americano e a América Latina no pós-guerra fria**. São Paulo: Fapesp, 2007.

